

/ PALAVRA DO LEITOR

Complexo gastronômico

Operando há nove anos, a Leiteria 639, localizada na avenida Venâncio Aires, deu início a um novo modelo de negócio, passando a atuar como complexo gastronômico com novidades como um espaço kids (GeraçãoE, edição de 17/09/2026). O mundo dos negócios é uma eterna evolução. O que para muitos pode ser loucura, para o empresário significa ter pés no chão e estar sempre pensando no futuro. Desejo sucesso aos empreendedores da Leiteria. *(Juliana Corrêa)*



Reforma tributária

A reforma tributária fará o processamento de documentos passar de 17 bilhões para 110 bilhões por ano (JC, 17/09/2026). Nem o site da Receita Federal funciona adequadamente com os acessos atuais, imagine com um volume maior (João Fernando Kliemann)

Copa do Mundo Feminina

Porto Alegre deverá contar com cerca de 700 a mil voluntários durante a Copa do Mundo Feminina de 2027, que terá jogos disputados no Estádio Beira-Rio entre os dias 24 de junho e 25 de julho (JC, 18/09/2026). Acho muito bom que haverá jogos da Copa do Mundo Feminina em Porto Alegre, mas não concordo em trabalhar de graça para a Fifa, uma instituição que embolsa milhões nestes eventos. *(Luciane Machado)*

João Jacob Vontobel

O empresário João Jacob Vontobel, fundador da Vonpar, responsável por marcas como Mu-Mu e Neugebauer e pela produção e distribuição de produtos da Coca-Cola e da Heineken Brasil, morreu no dia 19 aos 97 anos (JC, 21/09/2026). A história de vida de João Jacob Vontobel foi exemplo de dedicação, empenho e muito trabalho. Missão terrena cumprida com sucesso, que Deus o acolha em sua nova morada. *(Adão Silva)*

Dom Dadeus Grings

O arcebispo emérito da Arquidiocese de Porto Alegre, Dom Dadeus Grings, faleceu aos 90 anos no dia 21 em decorrência de um AVC isquêmico (JC, 21/09/2026). Dom Dadeus Grings era um homem de fé e palavra, de conciliação e pacificação. Ele merece todas as homenagens. *(Luciano de Faria Brasil)*

Bolsa Família

O governo federal anunciou o reajuste de 15,04% no Bolsa Família (JC, 17/09/2026). Os cadastrados do Bolsa Família receberam nas vésperas das eleições um generoso aumento em seus rendimentos comparado com anos anteriores. Imaginem se esse ato tivesse sido feito por outro presidente concorrendo à reeleição, com certeza a reação seria diferente. Acorda contribuinte brasileiro, chega de patrocinar a ganstança de Brasília. *(Adriano Ramos, por e-mail)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Não há perigo maior do que a autocensura

Suzana Vellinho Englert

Há censuras que vêm de fora. São visíveis, podem ser identificadas e, por isso, enfrentadas. Mas existe uma censura mais silenciosa e perigosa: aquela que nasce dentro de nós.

A autocensura começa quase imperceptível. É a opinião que deixamos de manifestar para não contrariar. A pergunta que não fazemos para evitar desconforto. A ideia que abandonamos antes mesmo de apresentá-la, por medo de julgamento. Aos poucos, passamos a vigiar nossas palavras e a confundir prudência com silêncio.

Uma sociedade democrática não se sustenta pela unanimidade. Ela precisa da pluralidade, do debate, da divergência e da coragem de questionar. Ideias diferentes fazem parte do processo que permite corrigir erros e encontrar novos caminhos.

A autocensura é também inimiga da inovação. Toda transformação começa quando alguém pergunta se aquilo que existe poderia ser diferente. Se o medo de errar, desagradar ou ser criticado impede uma nova ideia de nascer, a acomodação vence a criatividade.

É evidente que liberdade não significa irresponsabilidade. O direito de expressão deve caminhar ao lado do respeito e da responsabilidade. Mas responsabilidade não pode ser usada como justificativa para o medo. Discordar não é ofender. Questionar não é atacar. Mudar de ideia

diante de um argumento melhor não é fraqueza: é maturidade.

Não precisamos de um censor quando aprendemos a nos censurar antes mesmo de falar. Quando isso acontece, perdemos algo essencial: a autenticidade. Precisamos preservar a coragem de perguntar, propor, discordar e até errar.

Porque uma sociedade que perde a coragem de falar perde, pouco a pouco, a coragem de pensar. E quando deixamos de pensar livremente, começamos a aceitar como inevitável aquilo que poderia ser transformado.

Não há perigo maior do que a autocensura. A censura pode ser percebida e combatida. A autocensura, não. Ela se instala silenciosamente e, quando percebemos, já estamos fazendo por nós mesmos aquilo que jamais deveríamos permitir que alguém fizesse: mandar-nos calar.

Afinal, liberdade exige coragem: pensar, falar, ouvir, discordar e sustentar uma ideia sem transformar a divergência em ameaça é democracia.

Consultora em Gestão de
Relacionamentos e Comunicação

Toda transformação
começa quando
alguém pergunta
se aquilo que
existe poderia ser
diferente

Capital, seguros e participações integrados

Yuri Romão

Crescer no ambiente corporativo exige coragem, mas também estratégia. Em um mercado marcado por mudanças constantes, a maioria das lideranças está focada em metas e expansão. Mas existe uma pergunta que poucas diretorias fazem: o quão protegida está a empresa?

O grande erro da gestão tradicional é tratar a proteção do negócio como algo paliativo. A corretora é acionada para renovar apólices, o banco quando o caixa aperta e o jurídico diante de um conflito. Esse modelo cria pontos cegos. De que adianta conseguir capital para expandir se a estrutura permanece vulnerável?

Os números mostram por que essa discussão precisa estar no centro da estratégia. Em 2025, o setor de seguros, previdência aberta e capitalização arrecadou R\$ 415,09 bilhões no Brasil, segundo a Superintendência de Seguros Privados (Susep). As provisões técnicas chegaram a aproximadamente R\$ 2,06 trilhões em dezembro, equivalentes a 16,15% do PIB brasileiro.

Mais do que uma despesa operacional ou obrigação contratual, seguros podem preservar patri-

mônio, capacidade produtiva e fluxo de caixa diante de acontecimentos capazes de comprometer anos de construção. É nesse ponto que uma visão integrada ganha força. Unir seguros, capital e participações significa alinhar mitigação de riscos, eficiência financeira e arquitetura de propriedade.

Essa lógica também se aplica aos movimentos de expansão. O mercado brasileiro de fusões e aquisições encerrou 2025 com 1.581 transações, segundo a KPMG. Fundos de private equity e venture capital responderam por 50% das operações, ante 43% em 2024.

Entrar em uma sociedade, vender uma participação, captar um investidor ou estruturar uma holding não deveria ser uma decisão isolada. Cada movimento interfere na exposição ao risco, no patrimônio e na capacidade financeira da companhia.

A saúde corporativa, portanto, não se mede apenas pelo resultado, mas pela consistência da estrutura construída para sustentá-lo. O planejamento integrado permite antecipar cenários, preservar recursos e criar alternativas antes que elas sejam necessárias.

Em um ambiente no qual crédito, riscos e investimentos estão cada vez mais conectados, antecipar pode ser tão importante quanto crescer. Construir um negócio sustentável é compreender que proteger o presente também é uma forma de garantir o futuro.

CEO da Plury